

# Formas de heterogeneidade mostrada não convencionais na constituição da escrita de estudantes universitários

Mônica Cristina Metz\*  
Cristiane Carneiro Capristano\*\*

## Resumo

Inserido na vertente dos estudos sobre Letramentos Acadêmicos, o objetivo deste artigo é descrever a criação de duas categorias de formas de heterogeneidade mostrada que emergem na produção escrita de universitários, sob um ponto de vista enunciativo-discursivo. O *corpus* é composto por 27 respostas a uma questão de prova, elaboradas por acadêmicos do 2º ano de um curso de Letras de uma universidade pública do Paraná, Brasil. A fundamentação teórico-metodológica parte das concepções de heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada da perspectiva enunciativa, bem como, dos critérios de descrição das formas de heterogeneidade mostrada propostos pela mesma autora. A criação de duas novas categorias constitui um resultado das análises das características presentes no *corpus* que parecem recobrir práticas de escrita de estudantes ainda não descritas em termos enunciativos/discursivos. Essas características levaram à criação das categorias denominadas de “cópia não marcada” e “tentativa de paráfrase”. Embora as duas categorias sejam consideradas problemas de escrita pelas normas acadêmicas, elas traduzem práticas de enunciação escrita recorrentes entre estudantes e representam formas de negociação com o discurso do outro que precisam ser descritas em termos enunciativos/discursivos, para além de uma perspectiva de denúncia de um problema.

Palavras-chave: Letramentos acadêmicos. Escrita acadêmica. Heterogeneidade mostrada.

---

\* Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR)/Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). Doutora em Letras pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Professora colaboradora da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR) e da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO). ORCID 0000-0003-1818-4031.

\*\* Universidade Estadual de Maringá (UEM). Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas. Professora Associada da Universidade Estadual de Maringá (UEM). ORCID 0000-0003-1225-5716.

# Forms of non-conventional shown heterogeneity in the constitution of undergraduate students' writing

Mônica Cristina Metz  
Cristiane Carneiro Capristano

## Abstract

Inserted into the branch of studies on Academic Literacies, the objective of this paper is to describe the creation of two categories of shown heterogeneity which emerge on written production of undergraduate students under an enunciative-discursive perspective. The *corpus* is formed by 27 answers to an exam exercise, made by undergraduate students from the 2<sup>nd</sup> grade of a Language course in a public university of Paraná, Brazil. The theoretical-methodological basis assumes the conception of constitutive and shown heterogeneity from the enunciative perspective as well as the description criteria of the forms of shown heterogeneity proposed by the same author. The creation of two new categories constitutes a result of analysis of characteristics present in the *corpus* which seem to embrace students' writing practices not yet described in enunciative/discursive terms. These characteristics have led to the creation of the categories named "non-marked copy" and "paraphrasing attempt". Even though both categories are considered writing problems by academic rules, they translate recurrent written enunciation practices among students and also represent forms of negotiation with the discourse of the other, which need to be described in enunciative/discourse terms, apart from a perspective of problem report.

Keywords: Academic Literacies. Academic writing. Shown heterogeneity.

## Introdução

No âmbito da vertente de estudos recoberta pela denominação de Letramentos Acadêmicos, este artigo objetiva descrever as formas de heterogeneidade mostrada que emergem na produção escrita de universitários em situação de avaliação, mais especificamente em práticas de escrita realizadas pela mobilização do gênero discursivo par pergunta-resposta. Essa descrição constitui parte dos resultados de uma investigação mais ampla que objetivou analisar as relações entre formas de heterogeneidade mostrada e presumidos sociais — este último conceito, no sentido de Volochínov/Bakhtin (1976) e Corrêa (2013) — na escrita acadêmica universitária. O recorte realizado para este artigo se justifica pelos resultados encontrados no material analisado que demonstram a emergência de formas de heterogeneidade mostrada não convencionais<sup>1</sup> na escrita dos estudantes universitários que, assim como as formas convencionais, a nosso ver, merecem ser descritas sob um ponto de vista enunciativo-discursivo, para além de uma perspectiva de denúncia de um problema, como veremos na sequência.

Compreendendo que uma das demandas do processo de letramento acadêmico se refere a uma apropriação de modos de agenciamento de vozes que se configuram como os discursos representantes dos saberes institucionalmente autorizados, as formas de negociação com o discurso do outro, isto é, formas de heterogeneidade mostrada, constituem um objeto de reflexão importante do processo de ensino da escrita. No entanto, a compreensão da complexidade e da natureza das formas de negociação com a heterogeneidade leva à consideração de que o processo de agenciamento de vozes não pode ser tomado apenas sob o escopo do domínio consciente do sujeito escrevente, já que esse processo se dá por meio de negociações diversas do sujeito, não só, com a heterogeneidade constitutiva do discurso, mas também com a heterogeneidade constitutiva do próprio sujeito e, conforme temos buscado demonstrar em outros trabalhos<sup>2</sup>, com determinações extraverbais que constituem a situação de produção dos enunciados.

1 Compreendem-se como formas convencionais e não convencionais formas que se enquadram ou não às normas da escrita acadêmica, nem sempre explicitadas, que instituem os modos como as referências aos dizeres do outro devem ser sinalizadas.

2 Esses trabalhos estão sendo preparados para publicação.

As formas de inscrição do outro no fio do discurso já foram amplamente descritas pelos trabalhos de Jacqueline Authier-Revuz e por trabalhos que se fundamentam em sua proposta de análise. A própria descrição linguística dessas formas nasce de um olhar enunciativo-discursivo acerca da linguagem e do sujeito, ambos constitutivamente atravessados pelo(s) outro(s). Para além de descrever e/ou avaliar essas formas da escrita dos estudantes, tendo em vista uma retórica acadêmica, parece faltar ainda compreender que tipo de fatores estariam determinando a emergência de certas formas e não outras em pontos específicos dos enunciados. Nessa direção, a descrição enunciativo-discursiva das formas de heterogeneidade que emergem nas produções escritas dos estudantes constitui um importante caminho para a reflexão sobre as relações do sujeito escrevente com o processo de letramento acadêmico.

Sob essa perspectiva, a partir de um breve esboço das concepções de heterogeneidade constitutiva e de heterogeneidade mostrada da perspectiva enunciativa de Authier-Revuz (1998, 2004) que guiam a análise descritiva das formas de heterogeneidade nas produções escritas do *corpus* desta pesquisa, descrevemos, com a ilustração de exemplos, as categorias pelas quais as formas de heterogeneidade são identificadas no material. Ao todo, são identificadas e classificadas no *corpus* oito formas de heterogeneidade mostrada, delineadas tomando como base, de um lado, as formas de descrição propostas por Authier-Revuz (1998, 2004) e, de outro, as especificidades encontradas no material de análise. Nesse sentido, das oito formas identificadas, seis correspondem a categorias criadas pelos trabalhos de Authier-Revuz (1998, 2004) e são aqui consideradas como formas convencionais de heterogeneidade mostrada (a saber: modalização em discurso segundo sobre as palavras, modalização em discurso segundo sobre o conteúdo, discurso direto, discurso indireto, entoação de modalização autonímica e ilha textual), e duas foram categorias criadas tendo em vista as especificidades do *corpus* (cópia não marcada e tentativa de paráfrase), consideradas como formas não convencionais de heterogeneidade mostrada.

O material analisado é composto por 27 respostas elaboradas a partir de uma questão de uma avaliação (situação de prova a partir do gênero par pergunta-resposta) aplicada ao final do primeiro bimestre do ano de 2018, no interior da disciplina de Literatura Brasileira I, componente

curricular da 2ª série de um curso de Letras de uma universidade pública do estado do Paraná, Brasil.<sup>3</sup>

Na seção seguinte, apresentamos um breve esboço da teoria das heterogeneidades proposta por Authier-Revuz, na qual nos apoiamos em direção à descrição dos dados. Em seguida, descrevemos as formas identificadas com exemplos que ilustram cada uma das categorias. Por fim, tecemos alguns apontamentos sobre as contribuições que as descrições feitas por meio desta investigação podem oferecer para as discussões no âmbito dos Letramentos Acadêmicos.

## As bases teóricas da heterogeneidade mostrada no discurso

As balizagens teóricas nas quais Authier-Revuz se fundamenta para considerar o que denomina de heterogeneidade constitutiva do discurso e heterogeneidade mostrada no discurso são fundamentais para compreender, sobretudo, a concepção de sujeito subjacente às formas de análise dessas heterogeneidades. Authier-Revuz é referência no campo dos estudos linguísticos e discursivos, principalmente, pela formulação do conceito de heterogeneidade enunciativa. Inscrita no campo dos estudos da enunciação, faz questão de marcar a sua posição de linguista em suas reflexões sobre o heterogêneo. Mesmo tendo como subsídios fundamentos teóricos discursivos e psicanalíticos, seu olhar se volta para as formas linguísticas disponíveis no sistema da língua pelas quais as relações do sujeito com a heterogeneidade se deixam representar no fio do discurso.

A questão do heterogêneo na enunciação é tomada pela autora sob dois planos: “de um lado, da observação, nas realizações linguísticas, de **fatos de heterogeneidade**; de outro lado, o da **heterogeneidade teórica**, que, em relação à linguística, afeta necessariamente o campo da enunciação” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 173, grifos da autora).

É sob o linguístico que os fatos de heterogeneidade são observáveis, mas a compreensão desses fatos na enunciação requer, inevitavelmente, apoios teóricos exteriores à Linguística formal, principalmente, no que

3 As produções escritas analisadas constituem o material de análise coletado para a realização de pesquisa de doutorado. A coleta do material foi realizada no primeiro semestre de 2018, conforme projeto aprovado pelo comitê de ética da Universidade Estadual de Maringá. CAAE: 83515518.4.0000.0104. Número do parecer de aprovação: 2.566.805.

se refere a uma concepção de sujeito. Assim é que a pesquisadora recorre a bases teóricas diversas para poder compreender fatos observáveis de heterogeneidade no fio do dizer.

Nesse sentido, para compreender a sua teorização, faz-se necessário compreender as bases epistemológicas nas quais se funda. No campo da Linguística, pode-se dizer que Authier-Revuz propõe um prolongamento das discussões sobre o aparelho formal da enunciação propostas por Benveniste, uma vez que sua proposição basilar reside na consideração de que há, no sistema linguístico, formas pelas quais o sujeito se representa no ato enunciativo.

Os pontos de ancoragem em Benveniste se inscrevem na ordem do linguístico, na problemática da enunciação, isto é, do ato individual de colocar a língua em funcionamento por meio de um sistema de formas com ordem própria. O ato de pôr a língua em funcionamento, para Benveniste, institui um sujeito enunciativo, o sujeito do aqui e do agora que só existe na e pela linguagem em relação à enunciação. A questão, para Authier-Revuz, é reconhecer a necessidade de se refletir sobre a relação desse sujeito com a linguagem a partir de uma problematização teórica da própria constituição desse sujeito. Para isso, a linguista defende a necessidade de convocar exteriores teóricos que permitam compreender esse sujeito muito além da sua constituição formal de posição enunciativa, mas como resultado de coerções (sociais, históricas, ideológicas, psicanalíticas etc.) múltiplas e heterogêneas com as quais negocia no momento da produção do enunciado. Para ela, essas formas de negociação obrigatória do sujeito com aquilo que o constitui podem se deixar representar no fio discursivo por meio de marcas linguísticas formais específicas que, por sua vez, podem ser descritas pelo linguista da enunciação.

Os exteriores teóricos convocados pela linguista para compreender a constituição desse sujeito que enuncia e a sua relação com a linguagem são o dialogismo bakhtiniano, a noção de interdiscurso pecheutiana e a psicanálise. As concepções do dialogismo como realidade fundamental da constituição da língua e do atravessamento de um já-dito sobre todo dizer, bem como a concepção de um sujeito clivado, não-um, em sua essência, proporcionam um modo distinto de interpretar as formas linguísticas pelas quais o sujeito se coloca na enunciação, uma vez que são incorporadas à análise as suas relações com a alteridade, com o já-dito, com o real da língua,

com a equivocidade, com o inconsciente, deixadas de lado pela ciência linguística tradicional. É nesse lugar da relação do sujeito com a linguagem que Authier-Revuz compõe a sua teoria da heterogeneidade. Como aponta Teixeira (2005, p. 152), esses exteriores “trazem, essencialmente a ideia de que todo discurso se mostra constitutivamente atravessado pelos ‘outros discursos’ e pelo ‘discurso do Outro’”.<sup>4</sup>

A heterogeneidade teórica permite a Authier-Revuz compreender a heterogeneidade que constitui o sujeito e a língua e o modo como ela afeta aquilo que é posto na linearidade do que é linguístico. Os dois aspectos do dialogismo bakhtiniano, o do diálogo entre interlocutores e o do diálogo entre discursos, são basilares na teoria da pesquisadora. De um lado, a desmistificação de um sujeito, como o Adão, como fonte primeira do seu dizer permite vislumbrar o caráter heterogêneo da produção dos discursos, os discursos dos outros estão sempre aí contidos e constituem os elos da comunicação ininterrupta, conforme Bakhtin/ Volochínov (2006) e Bakhtin (2016). De outro lado, a relação de alteridade constitutiva do diálogo entre interlocutores faz ecoar, no enunciado, aquilo que diz respeito ao espaço interacional criado entre enunciador e enunciatário: “**Visando à compreensão de** seu interlocutor, o locutor **integra**, pois, na **produção** de seu discurso, uma **imagem do ‘outro discurso’**, aquele que ele empresta a seu interlocutor” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 42, grifos da autora). Assim, tomando o dialogismo como realidade fundamental da língua e da produção dos discursos, não há como se pensar num sujeito enunciativo no espaço do um, porque a condição da produção do discurso e do enunciado é o atravessamento do outro (discurso, interlocutor) que torna o enunciado como o espaço do não-um.

A noção de interdiscurso de Pêcheux é evocada pela linguista como um exterior teórico também fundamental para a análise dos fatos linguísticos, uma vez que essa noção está na base da compreensão da constituição de sentidos na língua. Compreendendo o interdiscurso, na perspectiva pecheutiana, “como lugar de constituição de um sentido que escapa à intencionalidade do sujeito” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 17), Authier-Revuz destaca uma compreensão de sujeito como destituído do domínio do seu dizer. Sobre o dizer sempre outros dizeres são recuperados

<sup>4</sup> A referência a Outro (com letra maiúscula) diz respeito à concepção lacaniana da incidência da linguagem sobre a determinação do sujeito, que é tomada como independente em relação à consciência subjetiva, diferenciando-se do outro (com letra minúscula) que pode se referir a outro sujeito, a outro interlocutor ou a outro discurso, de acordo com o quadro teórico.

de forma que o que se materializa pelo dizer é sempre determinado/afetado pelo já-dito. Assim, não estaria sob o escopo da intenção do sujeito a produção de certos efeitos de sentidos, pois estes são determinados pelo interdiscurso e com efeito escapam de um controle que se pretende na produção de um dizer.

Aliando essas duas realidades da constituição dos discursos, dialogismo e interdiscurso, à psicanálise lacaniana, Authier-Revuz considera que o dizer não pode ser tomado como espaço que dialoga com outros discursos de modo transparente ao sujeito enunciador. A psicanálise, terceiro exterior teórico, é convocada para a compreensão de que a relação de alteridade não é constitutiva apenas dos discursos, mas também do próprio sujeito. “O sujeito **não é uma entidade homogênea, exterior à linguagem**, que lhe serviria para ‘traduzir’ em palavras um sentido do qual ele seria a fonte consciente” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 63, grifos da autora).

O olhar da linguista para a concepção de sujeito da psicanálise vislumbra uma forma de conceber os fatos linguísticos não como reflexo real de uma intenção comunicativa do enunciador, já que, para a psicanálise: “Contrariamente, à imagem de um sujeito ‘pleno’, que seria a causa primeira e autônoma de uma palavra homogênea, sua posição é a de uma **palavra heterogênea** que é o **fato de um sujeito dividido**” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 49, grifos da autora). A ideia de um sujeito dividido se assenta na consideração de que junto com a consciência atua o inconsciente, formado pela linguagem de forma independente, anterior e determinante do sujeito, caracterizado como este Outro que, muitas vezes, irrompe no dizer sem uma “intenção consciente”. É o caso, por exemplo, dos atos falhos, tomados como um dos objetos de análise dos psicanalistas, pelos quais se pode reconstruir conflitos esquecidos do sujeito, que podem estar determinando tais “falhas”. O olhar psicanalítico para esses fenômenos é tomado como ponto chave nas análises propostas por Authier-Revuz. Nas palavras de Teixeira (2005, p. 150):

É importante ressaltar em relação a esses fenômenos [atos falhos] o fato de eles mostrarem que **sempre nas palavras outras ‘palavras’ são ditas** e – eis o ponto nodal para Authier-Revuz – é a estrutura material da língua que permite a escuta dessas ressonâncias não intencionais que rompem a suposta homogeneidade do discurso. (...) O discurso não se reduz a um dizer explícito; ele traz em si mesmo



o **peso de um Outro**, que ignoramos ou recusamos, cuja presença permanente emerge sob a forma de uma falha (TEIXEIRA, 2005, p. 150, grifos da autora).

A concepção heterogênea da língua e, também, do próprio sujeito permite a Authier-Revuz compreender certas formas linguísticas como resultantes das relações desse sujeito heterogeneamente constituído com a heterogeneidade da língua. E é a partir dessas relações que a pesquisadora elabora a ideia de heterogeneidade mostrada no discurso, como uma forma de negociação do sujeito com a heterogeneidade constitutiva do discurso:

Minha hipótese é a seguinte: a heterogeneidade mostrada não é um espelho, no discurso, da heterogeneidade constitutiva do discurso; ela também não é “independente”; ela corresponde a uma forma de **negociação** – necessária – do sujeito falante com essa heterogeneidade constitutiva – **inelutável mas que lhe é necessário desconhecer**; assim, a forma “normal” dessa negociação se assemelha ao mecanismo da **denegação** (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 71-72, grifos da autora).

Ao passo que as formas de heterogeneidade mostrada no discurso inscrevem o outro num ponto específico do dizer, buscando mostrar que nesse ponto é outro que fala em seu lugar, elas também marcam a ilusão do sujeito escrevente de que o restante do discurso seja uno, seu. Assim, ao mesmo tempo em que as formas de heterogeneidade mostrada tentam mascarar a heterogeneidade constitutiva de todo discurso, elas a mostram por meio de uma série de negociações do sujeito movidas pela ilusão de ser o centro do dizer. Para Authier-Revuz, não há como o sujeito fugir dessa negociação, e, ao mesmo tempo, é o efeito de sua denegação o movimento necessário para a produção dos enunciados.

As formas de heterogeneidade mostrada, desse modo, configuram-se como formas pelas quais um discurso outro é representado no fio do discurso, isto é, não trazem apenas um espaço dedicado a mostrar o outro, mas colocam em cena as formas como esse outro se representa para (e é representado por) um sujeito que negocia com (e ao mesmo tempo, busca negar) o fantasma da heterogeneidade constitutiva:

As formas da heterogeneidade mostrada, no discurso, não são um reflexo fiel, uma manifestação direta — mesmo parcial — da realidade incontornável que é a heterogeneidade constitutiva do discurso; elas são elementos da **representação** - fantasmática- que **o locutor (se) dá de sua enunciação** (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 70, grifos da autora).

Essa maneira de olhar para as formas pelas quais o sujeito negocia com um discurso outro, delineada por Authier-Revuz, permite, a nosso ver, refletir sobre aspectos discursivos relacionados a essas negociações que não poderiam ser explicadas apenas do ponto de vista de uma descrição de escolhas conscientes realizadas pelo escrevente no momento da produção do enunciado. Considerando que esse sujeito é constitutivamente atravessado por heterogeneidades, as “escolhas” efetuadas no processo enunciativo não podem ser consideradas transparentes ao enunciador.

A partir dessas balizagens teóricas é que a linguista busca inventariar as formas linguísticas pelas quais essas diferentes negociações se deixam representar no fio do discurso. Dentre o inventário construído pela pesquisadora, estão as críticas empenhadas em relação às formas do discurso relatado tradicionalmente descritas pelas noções de Discurso Direto, Discurso Indireto e Discurso Indireto Livre. Authier-Revuz (1998) inscreve uma mudança de nomenclatura baseada numa forma mais ampla de conceber os fenômenos aos quais passa denominar de formas de Representação do Discurso Outro no lugar da denominação recorrente Discurso Citado/Reportado.

Para a pesquisadora, as formas de Representação do Discurso Outro recobrem um inventário de formas muito mais complexas do que aquelas tradicionalmente descritas sob o escopo das noções do Discurso Citado/Reportado (Discurso Direto, Discurso Indireto e Discurso Indireto Livre). Essas formas podem ser descritas numa espécie de *continuum*, entre as formas marcadas, unívocas, as formas marcadas que exigem um trabalho interpretativo e as formas puramente interpretativas.

No primeiro grupo, de acordo com Authier-Revuz (1998, p. 143), nas formas marcadas unívocas estariam o Discurso Direto (DD), o Discurso Indireto (DI), a modalização em discurso segundo, sobre o conteúdo, e a modalização em discurso segundo sobre as palavras (modalização autonímica). No segundo grupo, das formas marcadas que exigem um

trabalho interpretativo, estariam aquelas marcas (aspas, itálicos, entonação de modalização autonímica) que interpretativamente sinalizam uma referência a um outro discurso. E, no terceiro grupo, das formas puramente interpretativas, estariam as formas do Discurso Direto Livre, do Discurso Indireto Livre e as citações escondidas, alusões, reminiscências.

Authier-Revuz (1998) apresenta três oposições concebidas como fundamentais para estruturar o campo da Representação do Discurso Outro (RDO daqui em diante) em relação ao Discurso Relatado (DR daqui em diante), a partir das quais delinea esse *continuum* das formas de heterogeneidade mostrada, sistematizado no organograma acima, a saber: DR no sentido estrito *vs.* modalização em discurso segundo; signo-padrão *vs.* signo autônomo; e explícito *vs.* interpretativo.

Em relação à primeira oposição (DR no sentido estrito *vs.* modalização em discurso segundo), Authier-Revuz (1998, 2004) explica que há uma diferença de estatuto enunciativo entre simplesmente relatar um outro ato de enunciação e modalizar um discurso com referência a um outro ato de enunciação. Para ela:

A modalização confere a um elemento do dizer o estatuto de uma “**maneira de dizer**”, **relativizada** (ainda que seja para valorizá-la) **entre outras**. Fazendo isso, a enunciação se **representa, localmente** como afetada de não-um, como **alterada** - no duplo sentido de **alteração** e de **alteridade** - no seu funcionamento por um fato pontual de **não-coincidência**” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 182, grifos da autora).

A modalização tendo referência um outro ato de enunciação é denominada modalização em discurso segundo. Essa modalização pode recair sobre o conteúdo do enunciado como um todo (modalização em discurso segundo sobre o conteúdo) ou sobre o emprego de uma palavra (modalização em discurso segundo sobre as palavras).

Em relação à segunda oposição, signo-padrão *vs.* signo autônomo, a pesquisadora discute a questão de que DD e DI derivam de modos semióticos distintos: “um, o DD, correspondendo a uma operação de **citação** da mensagem do ato relatado; o outro, o DI, como uma operação de **reformulação**, isto é, de produção de um enunciado como tendo o mesmo sentido que a *m* do ato relatado” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 150, grifos

da autora). Assim, na operação de reformulação o modo de enunciação é homogêneo, padrão, por se constituir pelas palavras do enunciador. Já na operação de citação o modo de enunciação é heterogêneo, por se constituir da forma padrão no sintagma introdutor e, também, por uma forma autônoma na parte citada. Dessa forma, para a pesquisadora o DD constitui uma forma complexa de enunciação, justamente, porque não apenas “enuncia um conteúdo como o DI, ele mostra uma cadeia significativa” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 140).

A terceira oposição, explícito *vs.* interpretativo, diz respeito à consideração de que os modos de RDO podem ser explícitos, ou seja, marcados de forma unívoca por formas da língua, ou interpretativos, não marcados, nem unívocos, por isso, não inventariáveis, mas que derivam de um gesto interpretativo baseado no contexto linear e/ou situacional (cf. AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 143).

As três oposições descritas pela pesquisadora para estruturar o campo da RDO constituem reflexões importantes para a descrição e a compreensão do funcionamento das diferentes formas pelas quais se representam no fio do discurso as negociações do sujeito com a heterogeneidade constitutiva. Essas reflexões direcionam, nesta pesquisa, o modo de olhar para os dados que não se limita a tentar identificar apenas formas estabilizadas da língua utilizadas pelo discurso relatado. O olhar se abre, por meio da ideia de *continuum*, para a busca de pistas no fio do discurso de formas não inventariadas, mas que sinalizam para gestos de negociação do sujeito com o fato da heterogeneidade constitutiva. É esse o ponto de vista teórico-analítico que tomamos como base para a identificação e descrição das diferentes formas pelas quais o outro é inscrito na constituição das respostas elaboradas por sujeitos em situação de avaliação.

## Formas convencionais e não convencionais de heterogeneidade mostrada

O ponto de partida para a análise foi a identificação e a classificação das formas de heterogeneidade mostrada presentes nas 27 respostas que compõem o *corpus*, tendo como referência a descrição das formas de

heterogeneidade mostrada propostas por Authier-Revuz (1998, 2004). Como antecipado, as produções escritas analisadas resultam de uma situação de avaliação de uma disciplina de literatura. Para a realização da avaliação, os estudantes puderam contar com os textos utilizados como base para as aulas do 1º bimestre (textos base), bem como com suas anotações particulares das aulas e discussões realizadas ao longo do bimestre. Essa prática, bastante recorrente nos ambientes universitários, é conhecida como a “prova com consulta”. A prática da “prova com consulta” constitui um dado relevante das condições de produção das respostas por demonstrar uma “presença física” do discurso autorizado na situação de avaliação, o que pode determinar a emergência de certas formas de heterogeneidade em detrimento de outras. Transcrevemos, a seguir, a pergunta do par pergunta-resposta a partir da qual as respostas são construídas:

Com base no texto de Bosi (1996, p. 13), explique como “o problema das *origens da nossa literatura*” está ligado à condição de “*complexo colonial de vida e pensamento*”. Como parte dos argumentos mencione traços dos diferentes textos de informação.

O assunto da pergunta, objeto de avaliação na situação de prova, gira em torno de um discurso autorizado do meio acadêmico: aspectos das origens da Literatura Brasileira de acordo com uma posição autorizada da crítica literária. O estudante deve ser capaz de mostrar a apropriação desse discurso por meio de uma reformulação linguística na mesma orientação discursiva (com base no texto... explique). Espera-se, do escrevente, além de uma reformulação do discurso do outro (autorizado) que ele seja também demonstrado por meio de “provas” (como parte dos argumentos mencione traços dos diferentes textos de informação).<sup>5</sup> Nesse sentido, ao precisar mencionar “traços dos textos de informação” como parte de seus argumentos, o escrevente é levado a demonstrar (provar) a sua compreensão do conteúdo não só pela reformulação linguística, mas também pela vinculação dessa reformulação com elementos próprios do objeto (literário) que deve ser analisado (textos de informação).

Diante dessas condições de produção, buscamos descrever as formas de heterogeneidade mostrada que emergem nas produções escritas

<sup>5</sup> Entende-se a ideia de prova na sua concepção formal como demonstração, conforme a definição apresentada por Plantin no verbete sobre “prova” do *Dicionário de Análise do Discurso* (cf. CHARAUDEAU; MAINGUENEAU, 2016, p. 410).

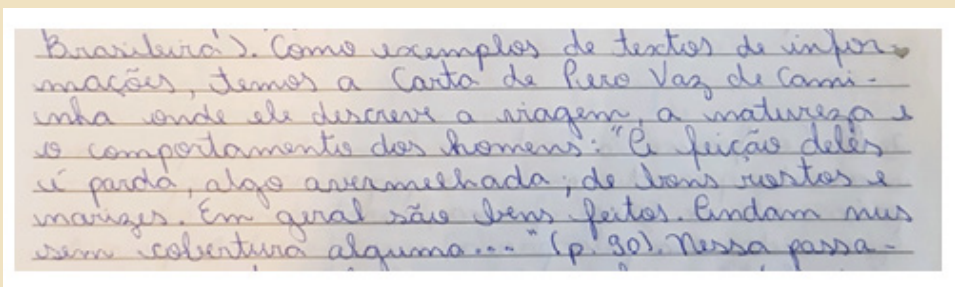
realizadas pelos estudantes em direção ao cumprimento das demandas da pergunta.

Tomando como base, de um lado, as formas descritas por Authier-Revuz (1998) e, de outro, as especificidades do *corpus*, foram identificadas oito formas de heterogeneidade mostrada nas 27 respostas que compõem o material analisado.

Foram identificadas como formas marcadas explícitas os casos de **discurso direto**, **discurso indireto**, **modalização em discurso segundo sobre o conteúdo** e **modalização em discurso segundo sobre as palavras**. Como formas marcadas com trabalho interpretativo foram considerados os casos de **entoação de modalização autonímica** e **ilha textual** e como formas puramente interpretativas os casos denominados de **tentativa de paráfrase** e **cópia não marcada**. Apresentamos, a seguir, como cada forma foi identificada e uma ilustração com um exemplo retirado do *corpus*.

Os casos considerados formas de **discurso direto** foram aquelas em que se vê algum tipo de ruptura na estrutura sintática, de modo a isolar o conteúdo que se atribui ao outro, frequentemente marcada pelo uso dos dois pontos (marca da ruptura/isolamento) aliado ao uso das aspas (marca do que se atribui ao outro). Além dessas marcas gráficas, linguisticamente o outro é recuperado, frequentemente, no sintagma introdutor, como no exemplo da Figura 1:

**Figura 1 – Excerto - Resposta 26<sup>6</sup>**



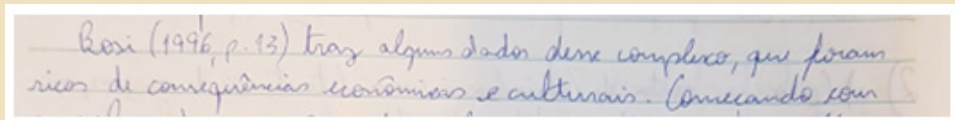
**Fonte: dados da pesquisa.**

<sup>6</sup> As 27 respostas que compõem o material analisado são identificadas por meio de uma enumeração (1 a 27), como forma de organização desse material. Os exemplos apresentados trazem a informação do número correspondente a essa forma de identificação.

No exemplo da Figura 1, o sintagma “a Carta de Pero Vaz de Caminha onde ele descreve a viagem, a natureza e o comportamento dos homens” introduz um conteúdo que se atribui a um outro enunciador. Esse conteúdo emerge de forma isolada na estrutura sintática, por meio dos recursos dos dois pontos e das aspas. O uso desses recursos, no discurso direto, representa uma transcrição literal de um dizer que se atribui a um outro. Na identificação dessas formas, o enunciado do aluno foi confrontado com o enunciado citado, a fim de averiguar se, de fato, a transcrição era “literal”. Por transcrição literal entende-se uma reprodução idêntica de sequências linguísticas provenientes de um outro dizer.

Diferentemente, nos casos de **discurso indireto**, de acordo com Authier-Revuz (1998), o conteúdo que se atribui ao outro emerge sob a forma de uma reformulação integrada à estrutura sintática. O exemplo a seguir ilustra esses casos:

#### Figura 2 – Excerto - Resposta 24



Fonte: dados da pesquisa.

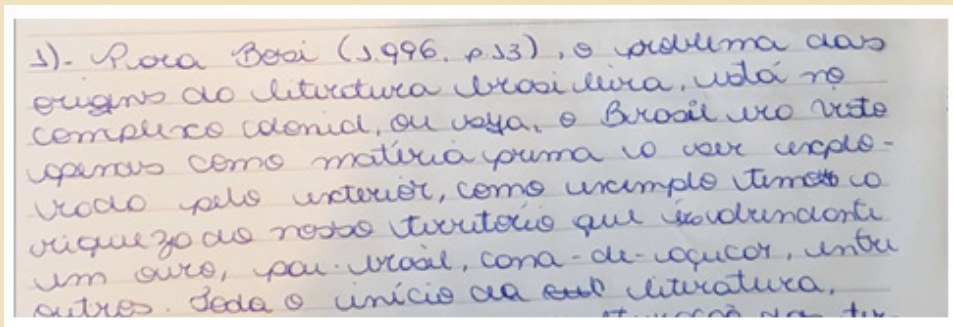
No exemplo da Figura 2, vê-se a referência a outro ato de enunciação (Bosi (1996, p. 13)) juntamente com uma reformulação do conteúdo que se atribui a esse ato (traz alguns dados desse complexo, que foram ricos de conseqüências econômicas e culturais), sem nenhuma marca de ruptura sintática.

De acordo com as classificações de Authier-Revuz (1998), o discurso direto e o discurso indireto integram as formas **explícitas** no sentido estrito de discurso relatado. Para ela, as formas de representação de um discurso outro incluem formas de negociação com a heterogeneidade constitutiva que assumem um estatuto diferenciado das formas do discurso relatado em sentido restrito. É o caso das modalizações em discurso segundo que podem recair sobre o conteúdo ou sobre as palavras. Para a pesquisadora, “as formas do tipo **segundo fulano** inscrevem-se num paradigma de elementos modalizadores diversos, cuja especificidade, em seu interior, é

a de modalizar pela referência a um outro discurso” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 135-136, grifos da autora).

Nas formas de **modalização em discurso segundo sobre o conteúdo**, o outro emerge no fio do discurso a partir de uma modalização inscrita nos sintagmas introdutores. Assim, estariam inscritos em paradigmas diferentes, os exemplos das Figuras 1 e 2 (**discurso direto e discurso indireto**, respectivamente) e o exemplo a seguir:

**Figura 3 – Excerto - Resposta 25**



**Fonte: dados da pesquisa.**

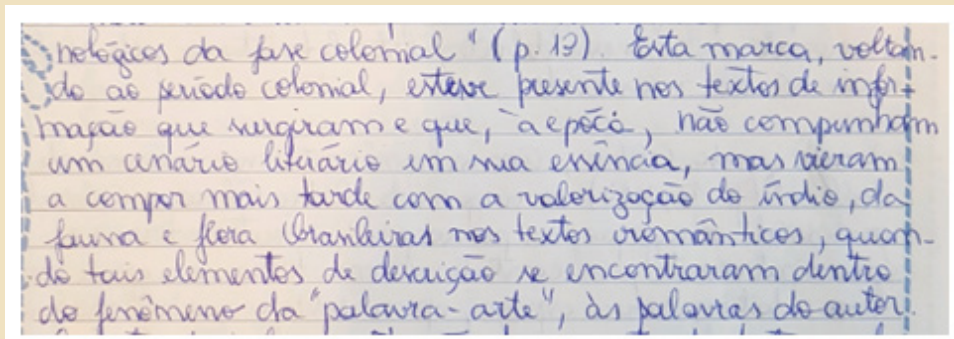
As formas pelas quais o dizer de Bosi é representado nos excertos das Figuras 2 e 3 recobrem, respectivamente, um exemplo de **discurso indireto** (Figura 2) e um exemplo de **modalização em discurso segundo sobre o conteúdo** (Figura 3) (Para Bosi). De acordo com Authier-Revuz (1998), a diferença entre essas duas formas está na consideração de que há um estatuto diferenciado entre relatar um conteúdo com referência a um ato de enunciação (como no caso do **discurso indireto**) e modalizar um conteúdo com referência a um outro discurso (como no caso da **modalização em discurso segundo**). Assim, o sintagma introdutor é determinante para a classificação do modo como o discurso outro é representado, já que o efeito de modalização é inscrito nessa forma de introdução (segundo X, para X, de acordo com X).

Outra forma de representação de um discurso outro é a **modalização em discurso segundo sobre as palavras**. Nessas formas, também há uma modalização com referência a um outro ato de enunciação, mas a modalização recai não sobre o conteúdo como um todo, mas sobre



o emprego específico de uma palavra ou sequência que se representa como emprestada de um exterior. O exemplo seguinte ilustra essa forma de heterogeneidade:

**Figura 4 - Excerto - Resposta 23**



**Fonte: dados da pesquisa.**

Como se pode ver no excerto, há uma modalização sobre o emprego de uma palavra (palavra-arte) marcada pelo uso das aspas e a referência ao exterior da qual a palavra é emprestada (às palavras do autor).

As formas ilustradas pelos exemplos contemplam as formas de heterogeneidade mostrada presentes no material de análise de forma marcada (**discurso direto, discurso indireto, modalização em discurso segundo sobre o conteúdo e modalização em discurso segundo sobre as palavras**). São consideradas marcadas unívocas, conforme Authier-Revuz (1998, p. 143), por representarem “modos explícitos, unívocos de representação de um discurso outro, marcados com a ajuda de formas da língua, ou seja, aquelas inventariáveis em uma gramática”. Assim, as características de cada uma dessas formas constituem as marcas que definem um tipo específico/unívoco de representação de um discurso outro.

Por outro lado, as formas marcadas que exigem um trabalho interpretativo e as formas puramente interpretativas constituem, segundo Authier-Revuz (1998, p. 143):

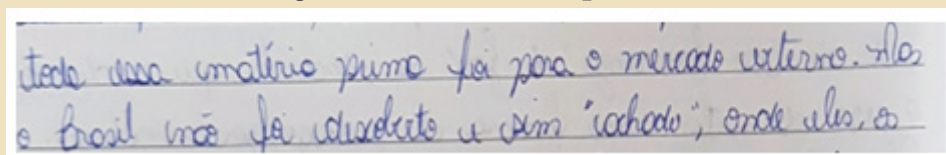
Modos não marcados na língua, nem unívocos (mas que emprestam sempre à discussão lugares de incerteza) nem inventariáveis (não se trata de uma lista finita de formas, mas um número infinito de configurações de discurso), mas derivando

de uma interpretação que leva em conta o contexto linear e/ou situacional (quem fala? Para quem... etc.).

Tomando como base esse critério, foram identificadas no material de análise duas formas marcadas que exigem um trabalho interpretativo (**entoação de modalização autonímica** e **ilha textual**) e duas formas puramente interpretativas denominadas neste trabalho de **cópia não marcada** e **tentativa de paráfrase**.

Foram consideradas **entoação de modalização autonímica** aquelas formas em que a marcação das aspas nas palavras sinaliza para um modo enunciativo complexo que acumula uso e menção, isto é, ao mesmo tempo em que um termo integra um modo simples de dizer ele é desdobrado por alguma marca que representa uma reflexão sobre esse uso. O excerto da Figura 5 ilustra um caso de **entoação de modalização autonímica** pelo uso das aspas que duplica o funcionamento enunciativo do termo “achado”: ao mesmo tempo em que o termo integra a sintaxe normal da frase (uso simples do termo), ele é mostrado/mencionado pela marcação das aspas, marca responsável por representar uma parada reflexiva sobre uso do termo na frase (forma complexa que une uso e menção).

**Figura 5 – Excerto - Resposta 06**



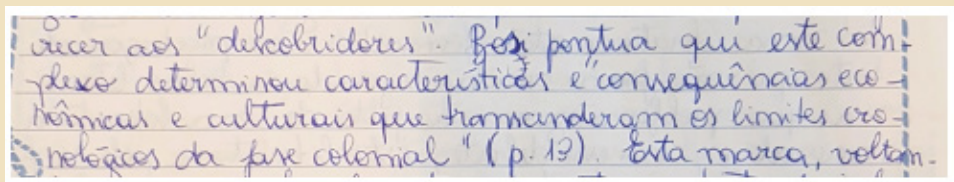
Fonte: dados da pesquisa.

A diferença entre a **entoação de modalização autonímica** e a **modalização em discurso segundo sobre as palavras** reside na forma como a modalização é representada: nesta a modalização sobre as palavras reside na atribuição do “empréstimo” do termo de um outro ato de enunciação; naquela a modalização pode representar diferentes não-coincidências do dizer.<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Dentre as formas de RDO descritas por Authier-Revuz (1998), a modalização autonímica ocupa lugar de destaque em suas pesquisas. Para a pesquisadora, a modalização autonímica constitui uma forma de representação metaenunciativa que marca um fato pontual de não-co incidência, isto é, um ponto em que o sujeito enunciadador mostra, no fio do discurso, uma parada reflexiva que sinaliza uma negociação com a realidade da heterogeneidade

As formas denominadas por Authier-Revuz (1998, p. 142) de **ilhas textuais** constituem “um caso de imagem particular de funcionamento do sinal de modalização autonímica” que emerge em meio a uma reformulação própria de DI como um elemento “‘não-traduzido’, como fragmento conservado da mensagem de origem”. O exemplo a seguir ilustra esses casos:

**Figura 6 – Excerto - Resposta 23**



Fonte: dados da pesquisa.

Observa-se, no excerto da Figura 6, que em meio a uma forma padrão de DI (Bosi pontua que este complexo determinou características e (...)) emerge um conteúdo marcado entre aspas como não-reformulado em relação ao ato de enunciação relatado (“consequências econômicas e culturais que transcenderam os limites cronológicos da fase colonial”). As **ilhas textuais** são consideradas como um tipo de modalização autonímica, segundo a pesquisadora porque: “Falar aqui de DI ‘com fragmentos de DD’ é errôneo: não há aqui menção (autonímia) aos elementos entre aspas, mas uso com menção (modalização autonímica) de elementos plenamente integrados à sintaxe padrão da frase” (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 142).

Caracterizam-se, portanto, como formas marcadas com trabalho interpretativo as **entoações de modalização autonímica** e as **ilhas textuais**, por apresentarem marcas (aspas, na maioria dos casos) que sinalizam para representação de uma negociação com um outro.

Como formas puramente interpretativas foram consideradas aquelas negociações com o discurso outro que não apresentam as marcas características do discurso relatado, não se encaixando nas normas de agenciamento de vozes previstas como aceitáveis na escrita acadêmica, mas que apresentam um dizer vindo de uma fonte específica. A identificação desse dizer como vindo de outra fonte só é possível se se tiver acesso a essa

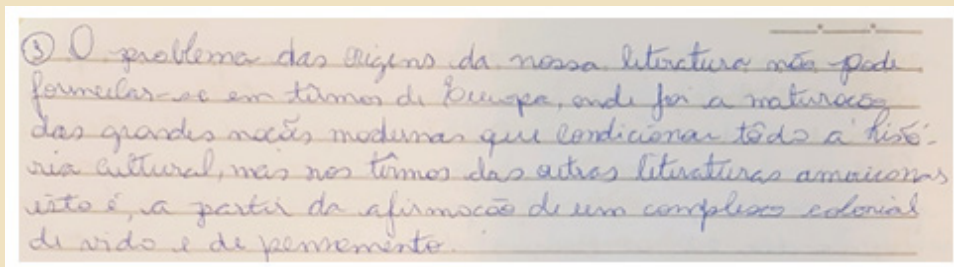
constitutiva. As não-coincidências podem ser: não-coincidência interlocutiva; não-coincidência do discurso consigo mesmo; não-coincidência entre as palavras e as coisas; não-coincidência das palavras consigo mesmas.

fonte e se realizar um trabalho de comparação, por isso, consideradas como formas puramente interpretativas.

No *corpus* analisado, foram identificados dois tipos de negociação considerados **puramente interpretativos**: um que representa um conteúdo transcrito literalmente de outra fonte (do texto base, nos casos em análise), sem a presença de nenhuma marca de indicativo de citação, conforme as normas de escrita acadêmica, classificado, neste trabalho, como **cópia não marcada**; outro que representa uma tentativa de reformulação de um conteúdo, mas que acaba se aproximando de uma cópia literal, classificado, neste trabalho, como **tentativa de paráfrase**.

A Figura 7 ilustra um exemplo de **cópia não marcada**:

**Figura 7 – Excerto - Resposta 21**



**Fonte: dados da pesquisa.**

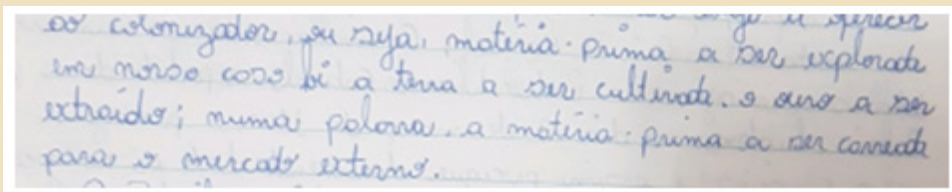
Verifica-se no excerto que não há nenhuma marca que sinalize uma representação de um discurso outro, no entanto, esse excerto seria classificado, de acordo com as normas da escrita acadêmica, como problemático ou, ainda, como um exemplo de plágio, considerado inaceitável nas práticas sociais de escrita, uma vez que reproduz literalmente um excerto do texto base utilizado para a avaliação.

Esses casos foram classificados como **cópias não marcadas** por representarem, a nosso ver, uma das formas de negociação com o discurso do outro que reproduz literalmente um conteúdo de um outro (cópia) sem a presença de marcas próprias dos modos de citação das práticas de escrita acadêmica (não marcada). Embora esses casos sejam considerados problemas de escrita pelas normas acadêmicas, eles traduzem uma prática de enunciação escrita bastante recorrente entre estudantes e representam uma forma de negociação com o discurso do outro que precisa ser descrita

em termos enunciativo-discursivos, além de uma perspectiva de denúncia de um problema.

Por sua vez, nos casos classificados como **tentativa de paráfrase**, há uma tentativa de reformulação de um conteúdo por meio do uso de sinônimos, inversões sintáticas ou inclusão/exclusão de termos, mas que não configuram, de fato, uma reformulação aceitável do ponto de vista acadêmico como paráfrase. Sem apresentar também nenhum tipo de marca que sinalize para uma forma de citação de um discurso outro, a tentativa de paráfrase pode ser situada, numa espécie de *continuum*, entre uma cópia (entendida aqui como uma transcrição literal) e uma reformulação (paráfrase) de um conteúdo, que é identificada apenas por meio de um gesto interpretativo que leva como base uma comparação com o discurso fonte. Veja-se o exemplo a seguir, comparando o excerto da Figura 8 ao excerto da Figura 9:

**Figura 8 – Excerto - Resposta 01**



Fonte: dados da pesquisa.

**Figura 9 – Excerto do texto base**

A colônia é, de início, o objeto de uma cultura, o “outro” em relação à metrópole: em nosso caso, foi a terra a ser ocupada, o pau-brasil a ser explorado, a cana de açúcar a ser cultivada, o ouro a ser extraído; numa palavra, a matéria-prima a ser carreada para o mercado externo <sup>(1)</sup>. A colônia só deixa de

Fonte: (BOSI, 1996, p. 13).

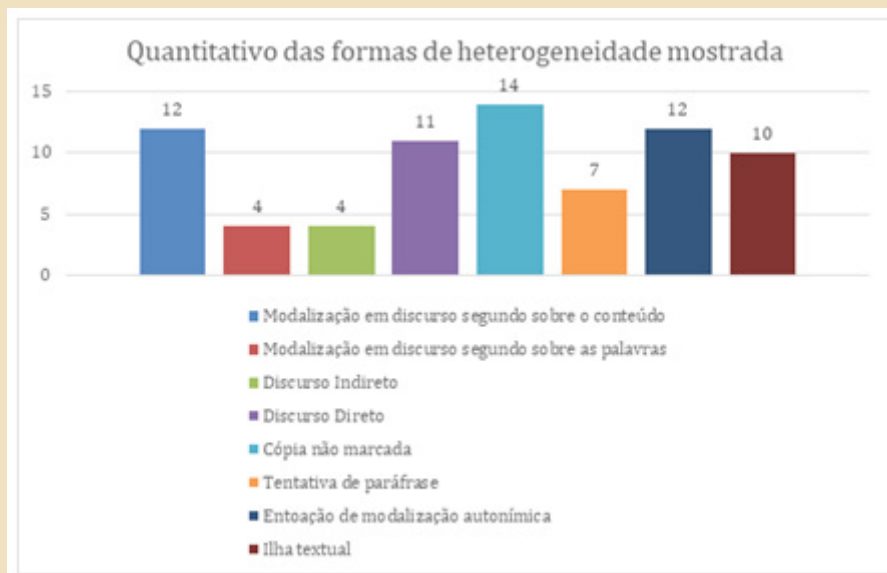
Comparando os excertos, pode-se ver, na Figura 8, dois movimentos que sinalizam uma tentativa de não reproduzir literalmente o conteúdo do texto base: a alteração da palavra “ocupada” por “cultivada” em “em nosso caso foi a terra a ser cultivada”; e a supressão dos exemplos contidos no

texto base (o pau-brasil a ser explorado, a cana de açúcar a ser cultivada). Seguida desses movimentos, há uma reprodução literal da sequência do excerto.

Assim, como formas puramente interpretativas, a **cópia não marcada** e a **tentativa de paráfrase** são identificadas por meio da comparação com o conteúdo do texto base, diferenciando-se uma forma da outra pela identificação ou não de algum gesto que sinaliza para a tentativa da não reprodução literal do dizer que constitui o discurso base.

Todas as 27 respostas constituintes do material de análise apresentam ao menos uma forma de heterogeneidade mostrada, considerando as oito formas descritas. O Gráfico 1 mostra o quantitativo geral das formas de heterogeneidade mostrada encontradas no material de análise:

**Gráfico 1 - Quantitativo das formas de heterogeneidade mostrada**



Fonte: dados da pesquisa.

Observando o Gráfico 1, que considera todas as ocorrências dos fatos de heterogeneidade mostrada identificados (num total de 74 formas), vê-se uma distribuição entre **formas marcadas explícitas** (modalização em discurso segundo sobre o conteúdo (12), modalização em discurso segundo sobre as palavras (04), discurso direto (11) e discurso indireto (4)), **formas**

**marcadas com trabalho interpretativo** (ilha textual (10) e entoação de modalização autonímica (12)) e **formas puramente interpretativas** (cópia não marcada (14) e tentativa de paráfrase (07)).

No entanto, agrupando as formas sob um outro ponto de vista, é possível observar uma preferência geral pelas formas de heterogeneidade que representam um discurso outro literalmente com as “palavras do outro”. Das oito formas de heterogeneidade mostrada identificadas no *corpus*, seis representam sequências ou palavras que se podem atribuir literalmente ao outro que, no caso em análise, se refere ao texto base: modalização em discurso segundo sobre as palavras, discurso direto, cópia não marcada, tentativa de paráfrase e ilha textual.

Ainda, sob um outro ponto de vista, esses dados quantitativos permitem visualizar que as formas de heterogeneidade mostrada puramente interpretativas, consideradas, neste artigo, como formas não convencionais de heterogeneidade, emergem com a recorrência muito semelhante em termos quantitativos a formas de heterogeneidade consideradas convencionais de inscrição do outro no fio do discurso. Essa constatação constitui, para nós, uma justificativa importante para a investigação mais profunda das determinações enunciativo-discursivas dessas emergências, para além de uma perspectiva de denúncia de um problema.

Tanto os casos de **cópia não marcada** como os casos de **tentativa de paráfrase** não apresentam, como mencionado anteriormente, marcas que sinalizam uma reprodução de um dizer de outra fonte, elas se constituem como formas puramente interpretativas. No entanto, o fato é que elas emergem num número significativo no material de análise (14 ocorrências de **cópia não marcada** e 7 ocorrências de **tentativa de paráfrase**), o que aponta que não nos parece coerente classificar esses casos apenas sob o rótulo de problemas ou erros dos sujeitos escreventes, mas como resultantes de determinações que merecem ser investigadas de modo mais profundo.

Para entender o funcionamento dessas formas de heterogeneidade, pode-se pensar nas considerações de Authier-Revuz (2004) sobre as aspas. Ao discorrer sobre o funcionamento do uso das aspas, a autora mostra que as palavras aspeadas configuram o que denomina de “palavras mantidas à distância”, porque, justamente, as distanciam do que poderiam constituir as palavras do enunciador. Para a pesquisadora, as aspas “são uma marca constitutiva do sujeito, por rejeição; se elas invadem tudo, o sujeito apaga-

se; a hipertrofia das aspas é o desgaste do complementar – com, ao final, um locutor que não tem mais palavras” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p. 231). A **cópia não marcada** e a **tentativa de paráfrase** sinalizam a negociação do sujeito com o discurso do outro e a busca por atender à demanda de explicar esse discurso (com base no texto de Bosi (1996, p. 13), explique como...). A tarefa do sujeito na resposta é uma reformulação/explicação desse conteúdo, ou seja, precisa demonstrar as “suas palavras”. Se aspear, perde o estatuto de palavras próprias e, assim, não estaria cumprindo a tarefa demandada. Conforme Authier-Revuz (2004, p. 230), “as aspas indicam que, para o locutor, há uma borda que coloca um exterior em relação ao qual se constitui para ele, locutor, um interior - seu discurso próprio - no qual se reconhece”.

A nosso ver, esses casos não representam simplesmente problemas de agenciamento dos dizeres, facilmente resolvidos de forma explícita, com uma “educação científica” ou “educação normativa”. Eles parecem representar formas pelas quais os sujeitos negociam com determinações provenientes daquilo que temos buscado descrever em outros trabalhos como presumidos sociais, relacionados aos modos de se colocar no dizer. Os presumidos que atuam para essas emergências parecem derivar daquilo que, no meio acadêmico universitário, constitui o “dizer com suas palavras”. Não basta que se aproprie de um discurso autorizado, é necessário que o reformule com “suas próprias palavras”. Não aspear, nesses casos, sugere uma forma pela qual os sujeitos negociam com esse presumido.

## Considerações finais

O objetivo deste artigo foi descrever as formas convencionais e não convencionais de heterogeneidade mostrada que emergem na escrita de estudantes universitários, destacando a emergência de duas formas de heterogeneidade puramente interpretativas classificadas como não convencionais: a cópia não marcada e a tentativa de paráfrase.

A criação dessas duas novas categorias constitui um resultado das análises das características presentes no *corpus* que parecem recobrir fenômenos emergentes nas práticas de escrita de estudantes ainda não



descritas em termos enunciativo-discursivos. Embora as duas categorias sejam consideradas problemas de escrita pelas normas acadêmicas, elas traduzem práticas de enunciação escrita recorrentes entre estudantes e representam formas de negociação com o discurso do outro que precisam ser descritas em termos enunciativo-discursivos, para além de uma perspectiva de denúncia de um problema.

Com essa consideração, buscamos sinalizar a importância de investigações sobre as determinações extraverbais desses tipos de emergência. Categorias como as descritas não podem ser tratadas apenas sob o escopo do domínio de normas de citação ou agenciamento de vozes, mas sob um escopo de determinações enunciativo-discursivas, vinculadas à amplitude sociocultural e histórica da produção dos enunciados. Para nós, a compreensão dessas determinações pode permitir que se considerem os modos como as práticas de escrita são conduzidas nos contextos acadêmicos e como esses mesmos modos operam sobre e afetam a própria emergência desses fenômenos. Sob essa perspectiva, os resultados apresentados neste artigo constituem apenas o ponto de partida para discussões mais aprofundadas sobre as determinações extraverbais da emergência de fatos de heterogeneidade mostrada na constituição dos enunciados, que serão apresentadas em trabalhos futuros.

## Referências

AUTHIER-REVUZ, J. **Palavras incertas: as não-coincidências do dizer**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1998.

AUTHIER-REVUZ, J. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

BAKHTIN, M. / VOLOCHÍNOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1996.

CHARAUDEAU, P.; MAINGUENEAU, D. **Dicionário de análise do discurso**. Coordenação da tradução de Fabiana Komesu. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2016.

CORREA, M. L. G. **Bases teóricas para o ensino da escrita. Linguagem em (Dis)curso**. Tubarão, SC, v. 13, n. 3, p. 481-513, set./dez. 2013.

TEIXEIRA, M. **Análise de discurso e psicanálise: elementos para uma abordagem do sentido no discurso**. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

VOLOCHÍNOV, V. N. / BAKHTIN, M. **Discurso na vida e discurso na arte (sobre poética sociológica)**. Tradução para uso didático da versão inglesa de 1976: Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza, s/d. (Texto originalmente publicado em russo, em 1926).